

CIDADES

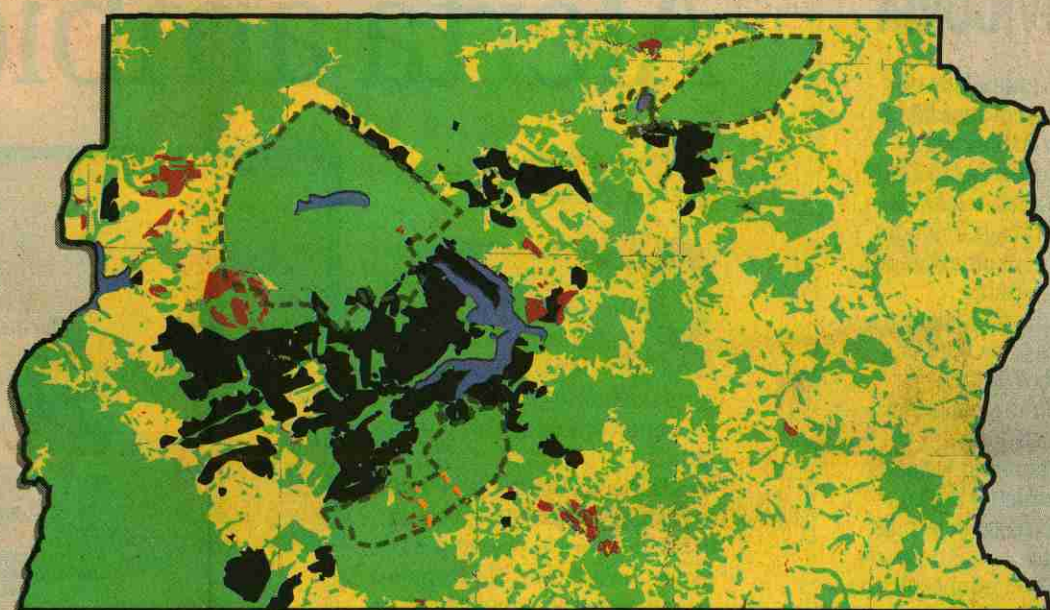
CERRADO

Relatório inédito da Unesco mostra que o Distrito Federal perdeu 56,7% da vegetação nativa desde 1964. Crescimento urbano desordenado e lavouras agrícolas são os grandes vilões ambientais

Arte: Joelson Miranda



■ Cerrado ■ Área urbana



■ Cerrado ■ Área Urbana ■ Área Agrícola ■ Reflorestamento ■ Reserva Ambiental

1964 BRASÍLIA ERA UMA ILHA CERCADA DE CERRADO. NEM PLANTAÇÃO EXISTIA. HOJE É O VERDE QUE ESTÁ ILHADO. RESISTE NAS ÁREAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: PARQUE NACIONAL, ÁGUAS EMENDADAS E FAZENDAS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, DO IBGE E JARDIM BOTÂNICO.

2001 TRINTA E SETE ANOS SEPARAM AS DUAS IMAGENS. DURANTE ESTE PERÍODO, BRASÍLIA PERDEU 56,7% DE SUA VEGETAÇÃO ORIGINAL. AS ÁREAS URBANAS AUMENTARAM QUASE DEZ VEZES. AS AGRÍCOLAS SE MULTIPLICARAM POR 100.

Fotografias de um massacre

ÉRICA MONTENEGRO E ANA BEATRIZ MAGNO
 DA EQUIPE DO CORREIO

“Tiro estrondoso muito, no meio do cerrado: se diz que é estampido, que é rimbombo. Tive noção que morreram bastantes. Vencemos. Nem prestei, nem estive, no fim, como o galope que se desabriu. Assim eu quis que o ar de paz logo revertesse, o alimpado, o povo gritando menos. Aquele dia tinha sido forte coisa. De longe e sossego eu careci, demais. Em certo ponto do caminho, eu resolvi melhor minha vida.”

Riobaldo, personagem de Grande Sertão Veredas, o clássico de Guimarães Rosa, narra batalha nos campos de árvores retorcidas e posterior descanso à beira de um rio

O conflito no quadrilátero chamado Distrito Federal não é entre dois bandos de homens. É entre um bando de homens e uma centelha de vida

selvagem. Na rapidez de 37 anos, os brasilienses devastaram mais da metade da cobertura original da região. No sétimo capítulo da série sobre o cer-

rado, o Correio Braziliense mostra que a população de Brasília chegou à seguinte encruzilhada: ou respeita a natureza ou padece sob sua ira.

Na recém-inaugurada capital da República, o verde cercava pequeninas ilhas de concreto. Em 1964, o Distrito Federal tinha 150 mil habitantes, moradores de seis núcleos urbanos separados por enormes manchas de vegetação nativa.

Na Brasília do terceiro milênio, somos mais de dois milhões de moradores e um punhado de fazendas ameaçando a vida silvestre.

Relatório inédito da Unesco, obtido com exclusividade pelo Correio Braziliense, usa imagens aéreas e de satélite para denunciar as cores da destruição: o preto das construções e o amarelo das lavouras agrícolas.

A foto mais recente da cidade, captada em 2001, mostra que, em apenas 37 anos a ocupação urbana aumentou mais de nove vezes e as áreas agrícolas multiplicaram-se 107. Só quem diminuiu de tamanho foi o cerrado — 56,7% da vegetação nativa sumiu do mapa.

Cidades, fazendas e invasões de terra aniquilaram veredas, campos limpos e matas de galeria. Afastaram os bichos pra longe e causaram o desaparecimento de 600 espécies de plantas. No total, foram devastados 3.227 quilômetros quadrados, o equivalente a 26 vezes o tamanho da cidade de Taguatinga.

A cadeia da destruição prossegue. A nova edição do relatório *Vegetação no Distrito Federal: Tempo e Espaço*, que será lançado hoje pela Unesco, mostra que, em apenas três anos, a mancha urbana do DF aumentou 12,5%.

Agora que o verde está restrito às áreas de conservação, motosserras avançam sobre terrenos de reflorestamento. Casas, ruas e carros engoli-

ram 30% destes espaços de 1998 a 2001. Florestas próximas a Brazlândia, Ceilândia, Paranoá e Planaltina praticamente desapareceram para dar lugar a condomínios irregulares, invasões de terra e expansões de cidades.

“O patrimônio ambiental do DF está sendo perdido, o que implica em consequências para a qualidade de vida de todos nós”, alerta Celso Schenkel, representante da Unesco no Brasil para questões ambientais.

As Nações Unidas acompanham o crescimento de Brasília com interesse especial porque, em 1993, o DF ganhou o status internacional de reserva de biosfera. “É o que chamamos de *hot spots*, áreas consideradas fundamentais por causa de sua biodiversidade”, explica Schenkel.

Homem e a natureza fazem as pazes

Ainda são raros por aqui os projetos que tentam reconciliar o homem com o meio ambiente — aquilo que os especialistas chamam de desenvolvimento sustentável. Uma destas poucas iniciativas acontece na fazenda Terraviva, nos arredores de Brazlândia.

O lugar de 180 hectares é uma enfermaria do cerrado. A recuperação da vegetação está aliada à produção de frutas, leguminosas, hortaliças e

Fotos: Kleber Lima



LAVOURAS AGRÍCOLAS CRESCERAM 107 VEZES EM 37 ANOS

ervas medicinais. “Temos de fazer as pazes com a natureza porque dependemos dela para produzir”, ensina o agricultor Ivo Weber dos Passos, 52 anos.

Descendente de italianos e alemães que migraram para o Brasil, Passos é ferrenho defensor da agroecologia — conjunto de técnicas que conjuga a preservação com a geração de renda. Na Terraviva, inseticidas são proibidos e tratores evitados, o que não acontece nas grandes lavouras mecanizadas, que devoram a paisagem nativa brasiliense.

A questão é que derrubar o cerrado é lucrativo para a agroindústria. Enquanto nos Estados Unidos um hectare de soja custa US\$ 200 e na Argentina, US\$ 150, no Brasil bastam US\$ 100. O problema é o custo ambiental.

Tribo Verde x Invasores de terra

Brasília não é habitada apenas por gente consciente como Ivo. Muito pelo contrário. Ambientalistas militantes são tribo rara por aqui. Não dão conta de frear o crescimento desordenado da cidade que nasceu planejada e agora sofre com condomínios irregulares e leis que não saem do papel.

Além de destruir a cobertura original do solo,

as invasões aniquilam as nascentes de água e tornam o clima da cidade ainda mais árido. O desmatamento enfraquece a terra e a consequência seguinte é o assoreamento dos cursos d’água. “A construção de prédios impermeabiliza o solo e diminui a nossa oferta de água que já é pequena”, explica o pesquisador da Embrapa Cerrados José Felipe Ribeiro.

Novos prejuízos vêm das alternativas encontradas pelos invasores para driblar a inexistência de rede de água e saneamento. “Poços artesianos e as fossas sépticas exaurem e contaminam o lençol freático”, completa Ribeiro.

Para os ecologistas, a política de regularização das áreas invadidas agrava a feição predatória do crescimento do DF. “Primeiro se invade, depois se regulariza”, lamenta João Arnolfo Carvalho, da Associação Olhos D’água de Proteção Ambiental, que cobra do governo a realização do Zoneamento Ecológico e Econômico do DF.

Obrigatório por lei desde 1993, o zoneamento não saiu do papel. Se existisse seria um compêndio de estudos econômicos, urbanísticos e ambientais que serviriam para planejar o crescimento da cidade.

O secretário de Meio Ambiente, Pastor Jorge Pinheiro, reconhece o problema: “Até aqui os governos foram omissos em relação aos condomínios e invasões, agora resta vigiar para que outros loteamentos não sejam criados”. De sua parte, no entanto, afirma que não há muito o que fazer: “Tenho apenas 15 fiscais”. Jorge Pinheiro promete o zoneamento para breve, mas reconhece que ainda não tem um centavo reservado para a tarefa.



GUARDIÃO DO MEIO AMBIENTE. IVO WEBER DOS PASSOS RECUPERA O CERRADO NA FAZENDA TERRAVIVA